
RECORTE DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O ESTRANGEIRO NO LUGAR DO REFUGIADO E O ACOLHIMENTO NO RIO DE JANEIRO

Sabrina Sant'Anna Rizental
Mestrado/UFF
Orientadora: Vanise Medeiros

Introdução

Este artigo traz a evolução da proposta que apresentamos no VI SAPPIL, em 2015, quando, ainda no início de nossa pesquisa, trouxemos as primeiras considerações sobre a questão do estrangeiro na posição do imigrante refugiado e sobre os sentidos mobilizados no discurso midiático e no discurso institucional em relação à sua condição num país onde comparece o discurso da acolhida.

Na época mostramos um esboço do que considerávamos relevante para uma reflexão discursiva em torno desta questão contemporânea e focamos mais nos aspectos gerais da condição do imigrante refugiado no Brasil e nos discursos que aludiam ao imaginário de um país acolhedor, hospitaleiro, que constantemente se declara aberto aos estrangeiros, ao outro. Nosso propósito era “pensar a construção do sujeito, que vem ao Brasil nas condições de fuga do seu país, na relação entre o que se diz sobre ele e como ele se lê no que é dito a seu respeito” (RIZENTAL, 2015, p. 539).

Hoje, após um ano de muito trabalho, considerando também o trabalho de campo com os imigrantes refugiados como professora voluntária de português no curso oferecido pela Cáritas RJ, nossa pesquisa ganhou corpo e maior embasamento teórico para que pudéssemos, inclusive, reformular seus objetivos, levando em conta a configuração atual do refúgio e os sentidos que são produzidos de acordo com a circulação dos dizeres sobre este sujeito e sobre a imagem de acolhida atribuída ao Brasil e conseqüentemente ao Rio de Janeiro, cidade onde centralizamos a nossa atenção para propor as reflexões acerca do tema.

Dito isto, iniciamos este relato a partir de uma breve mirada ao panorama mundial que propicia condições que colocam em jogo um olhar mais atento à opacidade da língua e seus deslizamentos, apagamentos, dizeres contraditórios, etc.

Contemporaneidade

Vivemos num mundo moderno, globalizado, contemporâneo, num momento em que a tecnologia nos insere em diferentes contextos, permitindo-nos vivenciar diferentes e variadas experiências, mas também é um momento que se caracteriza pelas crises que democratizam os valores e colocam os indivíduos diante de sua própria *barbarie interior* (BIRMAN, 2007). Rompe-se com o que Birman chama de “gramática civilizatória” que nos transfere de um mundo para um “imundo” ou não mundo. Um desmundo.

Neste não lugar surge o indivíduo que mesmo sem se dizer, significar-se, num primeiro momento em função das limitações oriundas da falta de domínio da língua do país de origem, já é dito, significado, colocado em determinadas posições de acordo com o imaginário, submetido à língua do outro, pelo outro, interpelado pela ideologia que o constitui um sujeito que produz efeitos de sentido distintos, controversos, ancorados em determinadas memórias discursivas. O estrangeiro se encontra à mercê das relações de força “exteriores à situação do discurso” (PÊCHEUX, 2014 [1990], p. 86), preso em um cenário de submissão em relação ao que *se diz a* ele, que *se diz dele*, *antes de* que ele, constituído sujeito do seu dizer, possa dizer: ‘Eu digo’” (ORLANDI, 2012).

Os movimentos migratórios sempre fizeram parte da história da humanidade, mas nos últimos tempos ganharam proporções comparadas às das grandes guerras, com estimativas que inclusive as superam. Todavia, em determinadas cidades do Brasil o acontecimento discursivo não acompanha a dimensão do acontecimento histórico e do acontecimento jornalístico. Pessoas ainda perguntam se há refugiados no Rio de Janeiro, dando mostras de espanto e ignorância sobre o tema, como se a realidade das pessoas que fogem do terrorismo, das perseguições, das guerras em seus países estivesse limitada ao outro lado do mundo, distante do nosso cotidiano, sem afetar a nossa rotina. Como se a democratização das crises que caracterizam a contemporaneidade se limitasse a uma parte distante do território terrestre e lá pudesse permanecer. A realidade se mostra um pouco diferente com seus 8.863 refugiados de 79 nacionalidades transitando pelas ruas de algumas cidades brasileiras, bem ao lado daqueles que ainda perguntam se eles já chegaram aqui.

Orlandi (2016 [2012]) diz que um acontecimento produz um recorte do real e “não para de produzir sentidos” (p. 58). Neste caso, é possível depreender que o não dizer o imigrante refugiado que chega no Brasil, que vive no Rio de Janeiro, também produz sentidos, o silenciamento significa este sujeito.

Os sentidos deslizam resultando dizeres estereotipados que restringem a visibilidade deste estrangeiro, limitando-o a posições conflitantes com o próprio dizer sobre si. A ideologia o interpela a constituir-se sujeito e significar o mundo quer seja amparado por sua própria memória histórico-social, quer seja a partir das práticas na convivência com os cidadãos da nova sociedade.

Emergente de uma crise contemporânea, vivendo no estrangeiro, no lugar do outro, este indivíduo permanece ao menos por algum tempo numa zona cinzenta, pois é significado a partir da perspectiva de quem o recebe, da individualização que lhe é conferida pelo Estado.

Na contemporaneidade que coloca os indivíduos sob a mesma perspectiva diante das crises, na medida em que as democratiza, aqueles que se arriscam para promover mudanças quaisquer que sejam, confrontam as diferentes barbáries: a própria e a do outro.

Visibilidade X Acolhimento

Interpelado pela ideologia, individualizado pelo Estado, o estrangeiro no lugar do imigrante refugiado espera o momento em que a visibilidade que lhe é permitida se mostre coerente com o imaginário de hospitalidade desse país que o recebe. Mas como pensar um acolhimento que promove restrições? Os discursos que falam este estrangeiro conferem credibilidade aos sujeitos institucionais em detrimento do sujeito na posição do imigrante refugiado.

SDI: No ano passado, Dilma disse que o Brasil estava de "braços abertos" para acolher refugiados. Em 2013, o governo passou a facilitar o ingresso de sírios ao permitir que viajassem ao país com um visto especial, mais fácil de obter [...]. Desde então, cerca de 2 mil chegaram ao país. A iniciativa brasileira era considerada exemplar pelo Acnur (agência da ONU para refugiados) e contrastava com a de várias nações que vêm *endurecendo* suas políticas migratórias em meio a preocupações com a segurança. (FELLETT, 2016¹ - destaques nossos)

Na sequência discursiva acima verificamos sentidos de enaltecimento de um governo cujo discurso humanitário o distinguem de outras nações que “vêm *endurecendo* suas

¹ Fonte: Governo Temer suspende negociação com Europa para receber refugiados - <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36556393>.

políticas migratórias”. A utilização estratégica do verbo *endurecer* alude à inflexibilidade, à falta de sensibilidade e até mesmo à crueldade.

A mesma reportagem divulga que as negociações para receber refugiados sírios estão suspensas e o Ministério da Justiça afirma que “as negociações continuam do ponto inicial onde estavam, pois o governo anterior *não havia estabelecido nenhum programa ou projeto nesse sentido*, nem previsto tampouco qualquer previsão orçamentária” (FELLET, 2016).

Como pensar um discurso de acolhida que não se fundamenta num plano que o torne verossímil? Plano, um programa, projeto constituem instrumentos jurídicos que corroboram os sentidos de credibilidade em relação aos dizeres do Estado que governa esse país que se diz hospitaleiro.

O slide número 13 da apresentação institucional da Cáritas RJ destaca entre os direitos dos solicitantes de refúgio “residência e circulação no território nacional, trabalho e acesso a políticas e serviços públicos” (Cáritas RJ), dizeres que produzem efeitos de sentido que definem um país hospitaleiro, mas há outros dizeres que significam na ausência ou na restrição da visibilidade:

— Já passei fome até chorar no Rio, vomitando água, que é o que tinha na barriga. Se eu não fizer um curso técnico, daqui a 30 anos ainda estarei descarregando caminhão — pondera Chadrack Kembilu Nkusu, um dos 1.300 congolese que vivem no Rio como refugiados. — Nunca esperei uma vida de novela, mas para nós só oferecem trabalho braçal. Os congolese estão sofrendo em silêncio. (BRISO, 2016²)

Orlandi diz que “a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (2007, p. 73). Na SD1 a então presidente diz que “o Brasil estava de ‘braços abertos’ para acolher refugiados”, em seguida o Ministério da Justiça afirma que “o governo anterior não havia estabelecido nenhum programa ou projeto nesse sentido”. Quais sentidos indesejáveis os dizeres contraditórios apagam nessas situações discursivas?

Registramos que a reportagem de Briso foi publicada pelo jornal O Globo no dia 19 de junho de 2016, dois dias após a publicação de Fellet pela BBC Brasil, ambos veículos midiáticos de grande circulação.

Charly nos lembra que:

² Fonte: O sofrimento silencioso dos refugiados do Congo em Brás de Pina - <http://oglobo.globo.com/rio/o-sofrimento-silencioso-dos-refugiados-do-congo-em-bras-de-pina-19538015>.

À primeira vista ninguém é capaz de distinguir um refugiado de um brasileiro. É isso que faz do Brasil uma grande nação. Mas basta que nos ouçam, que vejam nossos documentos, que descubram de onde viemos, e então as coisas mudam, as diferenças aparecem”. (KONGO, 2015a)

Levando-se em conta que Pêcheux (2014 [1990]) define os processos discursivos como “efeitos de sentido entre os pontos A e B”, onde “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” e tais lugares são representados nos processos discursivos de acordo com as projeções idealizadas por cada sujeito, em relação a si e ao outro, observamos Charly na posição sujeito imigrante-refugiado. Nos seus dizeres ele projeta a imagem que faz de si, a que gostaria que lhe fosse atribuída e a que presume lhe ser referida pelo outro. A antecipação se vincula a um imaginário de país posto como uma grande nação a partir da retomada de um já-dito que alude ao discurso da miscigenação, permitindo que qualquer imigrante seja confundido com um brasileiro – à primeira vista, ninguém é capaz de distinguir um refugiado de um brasileiro. Mas quando ocorre uma ruptura dessa ilusão, pela denúncia da língua que mostra o outro que nasceu no estrangeiro, no diferente, a suposta aceitação muda e o imigrante refugiado se distingue.

Considerações finais

Concluimos esta breve reflexão com as palavras que Charly proferiu em outro evento que lançou o futebol das nações no Maracanã:

Em busca de paz, justiça e democracia, somos refugiados de mais de 70 nacionalidades, aqui no Brasil, para lembrar que a guerra está presente no mundo. Que a guerra é uma presença neste mundo, principalmente para as minorias e para as pessoas mais vulneráveis. Muitas destas guerras estão disfarçadas. Mas as mulheres estupradas sabem que existe uma guerra; os meninos recrutados também sabem; assim como os presos políticos a sentem. (KONGO, 2015b)

Os dizeres de Charly remetem aos efeitos das crises da contemporaneidade que trouxemos na introdução deste artigo, pois, como ele diz, “a guerra está presente no mundo”, disfarçada, silenciada, produzindo sentidos que encobrem a realidade, assim como a não transparência da língua permite o deslize que atravessa o sujeito, o estrangeiro na posição do imigrante refugiado.

Por isso propomos uma reflexão discursiva que possibilite um olhar que leve em conta a opacidade da língua, os sentidos produzidos por uma memória discursiva, um já-dito, pela visibilidade e a não visibilidade, pelos silenciamentos que questionem os paradigmas da acolhida retomada nos discursos institucionais, midiáticos, humanitários, etc. Um olhar que permita considerar os deslizamentos e criar espaços para outros possíveis efeitos de sentidos, “a singularidade, a ruptura, a resistência” (ORLANDI, 2009, p. 59).

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. O sujeito desejante na contemporaneidade. In: FERREIRA, M. C. e INDURSKY, F. (Org). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007 p. 21-36.

BRISO, C. B. O sofrimento silencioso dos refugiados do Congo em Brás de Pina. O Globo. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/o-sofrimento-silencioso-dos-refugiados-do-congo-em-bras-de-pina-19538015>. Acesso em: 07/10/2016.

CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DO RIO DE JANEIRO. *Programa de Atendimento a Refugiados*. Apresentação Institucional. Rio de Janeiro: Cáritas RJ, 2015.

FELLET, J. Governo Temer suspende negociação com Europa para receber refugiados sírios. BBC Brasil. Washington (EUA), 2016. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36556393>. Acesso em: 07/10/2016.

KONGO, C. *Proferimento I*. Ministério Público do Trabalho no Rio de Janeiro (MPT RJ). Realizado em 15.06.2015. Transcrito em 15 de junho de 2015a.

_____. *Proferimento II*. Maracanã: Lançamento do projeto Futebol das Nações. Realizado em 25/08/2015. Transcrito em 05 de dezembro de 2015b.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani... [et al.] - 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014 [1990], p. 59-158.

RIZENTAL, S. S. Um olhar, uma palavra, um comportamento – estereótipos na (re)construção do sujeito. In: *VI SAPPIL - Estudos de Linguagem*. Niterói-RJ: Letras da UFF, 2015, p. 538-546.